

A	D	O		A	L	U	R	T	E
emanuel	dimas	0		de		G	A	R	
2						0			5

título: A ARTE DO LUGAR

autor: Emanuel Dimas de Melo Pimenta

ano: 2005

Filosofia, arte, estética

editor: ASA Art and Technology UK Limited

© Emanuel Dimas de Melo Pimenta

© ASA Art and Technology

www.asa-art.com

www.emanuelpimenta.net

Todos os direitos reservados. Nenhum texto, fragmento de texto, imagem ou parte desta publicação poderá ser utilizado com objectivos comerciais ou em relação a qualquer uso comercial, mesmo indirectamente, por qualquer meios, electrónicos ou mecânicos, incluindo fotocópia, qualquer tipo de impressão, gravação ou outra forma de armazenamento de informação, sem autorização prévia e prescrita do editor. No caso do uso ser permitido, o nome do autor deverá ser sempre incluído.

A amizade cria uma comunidade de interesse entre nós, em tudo. Não temos sucesso ou fracasso enquanto indivíduos; as nossas vidas têm um fim comum. Ninguém pode ter uma vida feliz se pensar apenas em si mesmo e tornar tudo no seu próprio interesse. Deves viver para o próximo se quiseres viver para ti mesmo.

Seneca

Era o ano de 1991 quando, pela primeira vez, encontrei com Lucrezia De Domizio Durini.

Eu estava em Locarno, como todos os anos, com René Berger, Rinaldo Bianda, Vittorio Fagonne, Basarab Nicolescu, Lucio Cabutti, Giorgio Alberti, Lorenzo Bianda, Matilde Pugneti, Pierre Levy, Francesco Mariotti... era como, se em algum sentido, eles fossem de facto a minha família.

Todos os anos lá acontecia o Video Art Festival e o Festival de Arte Electrónica.

Foi quando Giorgio Alberti disse-me ser amigo de um personagem único, alguém que eu deveria conhecer – enigmática e encantadora figura da arte contemporânea, uma Baronesa.

Lucrezia.

Embora Locarno ficasse bem próximo de Milão, naquele momento não foi possível encontrá-la.

Eu vivia em Lisboa e, de lá, enviei a ela o meu livro sobre arquitectura virtual, que tinha sido lançado alguns meses antes.

Lucrezia contaria, mais tarde, que o livro chegara quando estava com Buby e Maurizio De Caro, provocando alguma surpresa.

Soube, então, que ela tinha colaborado intensamente com Joseph Beuys. Uma formidável identidade – Beuys tinha sido uma importante referência quando ainda vivia no Brasil.

No início da década de 1980, eu e Fernando Zarif – um artista brasileiro, grande amigo, que foi meu parceiro em diversos projectos – fizemos um concerto e uma instalação dedicada a Beuys, no Museu da Imagem e do Som em São Paulo.

Era o Concerto para *Vinte Aparelhos de Televisão e um Padre*.

As pessoas, do público, eram transformadas em antenas e dirigiam parte do concerto também através de controles remotos das televisões.

Tudo somado a vozes e gritos de um padre fundamentalista em meio a um acto de exorcismo, gravações que foram trabalhadas em laboratório.

Fernando e eu admirávamos profundamente Beuys.

A peça era dedicada a ele – mas não o conhecíamos pessoalmente – e tratamos de deixar a dedicação secreta, registada apenas nos livros do Museu, para que nunca o evento se tornasse em publicidade.

Beuys desapareceu em 1986.

Agora, surgia, magicamente, aquela misteriosa Baronesa, com tantas identidades espirituais comuns!

Alguns meses mais tarde, Luciana e eu estávamos novamente em Locarno e Ascona. Giorgio Alberti tratou de colocar-nos em contacto, um pouco como surpresa.

Ela deixou uma mensagem no hotel em que eu estava – «Espero-os em Milão».

Era uma ordem, ou parecia ser uma ordem.

Seguimos para o seu *loft* na via Mecenate.

Fazia calor e o sol era claro e forte.

Estava muito húmido.

Depois de um longo encontro, muito amigo, depois de conversarmos longamente sobre praticamente tudo, almoçamos num pequeno restaurante muito próximo do *loft*, do outro lado da avenida.

Comemos uma pasta simples, com tomate, seguida de vegetais e pimenta.

Bebi vinho, tinto.

Lucrezia e Luciana preferiram água.

Lucrezia vestia uma roupa negra.

Buby estava em Bolognano.

Ela nos contou sobre as investigações dele e eu planeei compor um concerto com as suas equações matemáticas sobre a temperatura interna das borboletas em pleno voo.

Pareceu-nos conhecer Lucrezia há um século, ou mais.

Eu estava junto a John Cage, Merce Cunningham e David Tudor à época. Tinha diversos concertos no Japão, Canadá, Holanda, Suíça, Brasil, Portugal – sem contar aqueles realizados com John – exposições na Suíça, Alemanha, Holanda, Brasil, Portugal, alguns *compact discs* e seis livros publicados.

Mas eu não tinha qualquer coisa realizada na Itália até então.

Lucrezia se espantou.

Nada na Itália! A minha avó era Italiana e eu nunca tinha realizado qualquer projecto lá.

- Temos de mudar essa situação. Rapidamente. Como é possível não teres feito nada aqui?

Gradualmente, passo a passo, comecei a colaborar com ela.

Durante esses quase quinze anos, nos quais a nossa amizade sempre se revestiu de um espírito de livre colaboração, escrevi cerca de vinte textos para a RISK e para os seus livros, compus três concertos para três filmes sobre Beuys, compus outros seis concertos para eventos elaborados por ela, fiz milhares de fotografias, escrevi e realizei um filme sobre ela, criei um site para a RISK na Internet, procurei sempre ajudar em tudo o que estava ao meu alcance.

Assim, entre outros eventos, aconteceu o primeiro Fórum Mundial de Arte e Cultura em Bolognano.

Através da ASA Art and Technology, em Londres, trabalhei para que alguns dos seus eventos contassem com a divulgação através de mais de duas centenas de milhares de jornalistas espalhados por todo o mundo.

Lucrezia me convidou para fazer uma exposição sobre John Cage no MART Museu de Arte Moderna de Rovereto e Trento, com minhas fotografias, minha música, partituras e o meu livro. Para além de ter sido uma fabulosa curadora, ela fez toda a produção gráfica do livro e coordenou todos os debates que antecederam o evento. Mas, também, e antes, apresentou-me a Fabio Cavallucci, e com ele fiz um interessante concerto em Florença, depois em Trento. E me apresentou ao Alberto del Genio, através de quem nasceu o festival *Holotopia*, perto de Nápoles.

Em Nápoles, ela também foi curadora do meu projecto *Kirkos – Um Diálogo entre Marcel Duchamp e Josquin des Prés*, que foi um enorme sucesso.

Ela escreveu três formidáveis textos sobre os meus trabalhos – um para o livro sobre John Cage; a introdução para outro dos meus livros – *Teleantropos, a Desmaterialização da Cultura Material*; e, finalmente, a apresentação de um cd-rom sobre um dos meus ensaios fotográficos: *Souls*.

Ajudou-me de forma única e desinteressada na reconstrução da minha pequena casa em Bolognano, que se tornaria na *Casa da Música*. E levou os meus trabalhos a Sarajevo, à Sicilia, entre outros lugares.

A nossa relação foi, sempre, de mútua e livre colaboração.

Livre – sem cobranças ou pressões de qualquer tipo.

No meio da década de 1990, quando eu participava e colaborava com o *CyberFestival* de Montreal, na sua edição de Lisboa, convidei Lucrezia para uma conferência. Mesmo falando em Italiano ela recebeu uma longa, emocionada e animada ovAÇÃO por parte do público.

Há cerca de dez anos, aproximadamente à mesma época do *CyberFestival*, quando eu era curador de um Encontro numa universidade em Lisboa, convidei-a para dar uma conferência. Conseguí que ela fosse transmitida para todo o planeta pela Internet, em *tempo real*, numa época em que isso era bastante raro. O impacto das suas palavras, do seu carisma foi imediato. Pessoas de diversos países enviavam mensagens emocionadas sobre ela.

Um poder de comunicação que me lembrou Emerson, que tanto magnetizara Walt Whitman.

Em 2002, quando ela esteve em Nova York – especialmente para assistir aos meus concertos no Lincoln Center, junto com Merce Cunningham, apresentei-a ao Merce, a Takehisa Kosugi, ao William Anastasi, à Dove Bradshaw, ao Denardo

Coleman – Ornette Coleman não estava na cidade naquele momento – à Laura Kuhn e a muitos outros bons e velhos amigos que ficaram, todos, profundamente encantados com a sua inteligência e energia.

Ela acreditou, sempre, no meu trabalho – como eu, sempre, profunda e sinceramente, no dela.

O trabalho consolidou a nossa profunda e respeitosa amizade – mas, não a limitou.

Quando Buby Durini desapareceu, tragicamente, no Oceano Indiano, Lucrezia passou uns tempos em nossa casa de Lisboa.

Viu Laura Filipa, nossa filha, crescer.

Lisboa se tornara também a sua cidade.

Lá, nas várias vezes que voltou, conheceu um sem número de pessoas.

Na passagem do ano 2000, Luciana, Laura Filipa e eu fomos para as Seychelles com Lucrezia e pudemos partilhar, no lugar, todas as encantadoras histórias vividas ao longo dos anos.

Ela é, como sempre foi, uma grande artista, uma poderosa pensadora, com uma intuição única – uma brilhante mente e alma.

Entretanto, num certo sentido, há algo que ultrapassa todos esses acontecimentos.

Algo que se revela como se estivéssemos tratando de uma rede que emerge das mais profundas relações entre seres humanos.

Foi com Lucrezia, e através dos encontros que sempre orquestrou, magistralmente, que conheci pessoas maravilhosas, que constituiriam boa parte da minha alma, de forma permanente, radical e luminosa.

Saverio Monno, Vitantonio Russo, Mario Bottinelli, Harald Szeemann, Ingeborg Luscher, Renzo Tieri, Dona Ornella, Lino Federico, Pierre Restany, Claudio Sarmiento, Mario e Marisa Merz, Aldo Roda, Filippo Rolla, Marco Bagnoli, Giuseppe Scala, Stefano Odoardi, Massimo e Raphaella Doná, Umberto Petrin, Susie Georgetis, Marco Cardini, Leonello Tarabella, Peppe and Rafaella Morra, Pippo Gianoni, Omar Galliani, Gerardo di Crola, Ferruccio Fata entre tantos outros... estrelas que constituem galáxias de luz.

Nomes que não seguem qualquer tipo de ordem, nem temporal, nem de julgamentos de valor, nem mesmo uma ordem do alfabeto – pois são todos livres, sempre foram livres.

Nestes últimos quinze anos, pelas rápidas mãos dela, aconteceram a RISK, o *loft*, as inúmeras edições, livros, exposições, conferências, curadorias dos mais diversos artistas, o Palácio em Bolognano – uma obra prima fabulosa lançando-se ao iluminado pensamento Italiano do Renascimento – a transformação de

Bolognano num fantástico museu a céu aberto, e muito mais, para não dizer do gigantesco trabalho sobre Joseph Beuys, ao longo de cerca de trinta anos.

Mesmo tendo acompanhado as suas imensas realizações nestes quinze anos, aquilo que parece-me mais profundo, mais avassalador, está nos seres humanos – pensadores, artistas, pessoas de todos os lados unindo-se num projecto comum, invisível, cuja forma está para além de qualquer definição estreita ou redutora.

São esses seres humanos, mágicos pulsares, todos formados sob o signo da liberdade, do respeito, da mútua admiração, do amor, da paz, da generosidade e da criatividade, aquilo que designa a sua grande obra.

Esse é, de facto, o verdadeiro lugar da arte – a sua imensa escultura espiritual, a grande revolução silenciosa.

Todos, em cada pequeno traço, em cada momento, são o verdadeiro desígnio da grande obra de Lucrezia De Domizio Durini.

Uma obra verdadeiramente monumental.

Uma obra para a qual não existem vias de mão única, nem actos de falsa generosidade, ou de interesses pessoais.

Não há lugar para eles.

Nessa liberdade, unida a uma intensa capacidade catalisadora, mas imersa num olhar estético, atento, numa mágica intuição que desenha relações humanas, compondo um eterno edifício espiritual, encontra-se o sentido do lugar da arte.

Tudo isso construído sem ajudas de Estado, sem apoios de autoridades, tudo feito por simples mãos humanas, directamente, sem intermediários.

Tudo respirando, sempre, liberdade.

Tudo compondo um cenário de ampla diversidade, de permanentes oposições, lembrando Schiller quando defendia que é na acção da intuição e da razão, juntas, que nasce a liberdade.